



Raphael de Andrade Duarte, Prefeito Municipal de Campinas, etc.
Faço saber que a Camara Municipal decretou e eu promulgo a seguinte

Resolução N. 612

(Largo Ruy Barbosa)

Art. 1.º — O largo do Theatro passará a ser denominado "Largo Ruy Barbosa".

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente resolução competir, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem.

Campinas, 21 de Dezembro de 1920.

Raphael de Andrade Duarte

Publicada na Secretaria da Prefeitura, aos 21 de Dezembro de 1920.

O Secretario,

Andreino Penna

PRAÇA RUY BURGOS



LEI N.º 2033, DE 2 DE MAIO DE 1959 — DA' O NOME DE RUY BURGOS A UMA PRAÇA DA CIDADE.

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada RUY BURGOS a praça do arruamento do I.A.P.C., que é limitada pelas Ruas I e Paschoal Nicolau Purchio.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 2 de Maio de 1959

JOSE' NICOLAU LUDGERO MASELLI — Prefeito Municipal

Eng.º JOSE' BENEDITO DE MELLO — Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 2 de Maio de 1959.

ALVARO FERREIRA DA COSTA — Diretor

(Denominação dada através da Resolução nº 612 de
21-dezembro-1920)



Regressou ao Brasil sem conseguir restabelecer-se, até que, um médico português de passagem pela Bahia, receitou-lhe o verdadeiro remédio para sua enfermidade e ele conseguiu curar-se, pois tratava-se de uma anemia.

Em 1874 morreu o dr. João Barbosa e Rui sente o peso das responsabilidades, pois tinha que saldar as dívidas do pai e cuidar de uma irmã. Tomou o lugar de João Barbosa no cargo de inspetor da Santa Casa de Misericórdia, advogava e trabalhava em jornal.

Da Bahia passou para o Rio de Janeiro onde começou a ser notado com a publicação em 1877 da sua tradução da obra "O Papa e o Concílio" de Döclinger, contra o dogma da infalibilidade do Papa. A introdução-préface que acrescentou, mais volumosa do que a obra traduzida era uma crítica do tradutor contra a situação no Brasil ante a chamada Questão Religiosa.

Em 1878, filiado ao partido Liberal, elegeu-se deputado à assembleia provincial baiana; no ano seguinte era deputado geral, vindo a destacar-se na elaboração da reforma eleitoral (voto direto) e em diversos pareceres emitidos sobre problemas do ensino e sobre o elemento servil.

Em 1889 recusou qualquer pasta no último ministério da monarquia, organizado pelo visconde de Ouro Preto; desligou-se então do seu partido e passou a pregar o regime federativo de governo, com as correspondentes mudanças das velhas instituições.

Com a proclamação da República, ocupou os cargos de vice-chefe do governo provisório e ministro da Fazenda. Nesta pasta tentou nova orientação para a economia brasileira, com impulso da indústria, mas ao facilitar o crédito, criou condições inflacionárias, as quais lutava por terminar quando teve que se demitir.

Foi eleito senador pela Bahia à Constituinte de 1890. Ao ser dissolvido o Congresso pelo marechal Deodoro da Fonseca, passou à oposição.

Apoiando como rebelde em 1893 quando ocorreu a Revolta da Armada,

nas horas de recreio, em vez de brincar, lia e relia livros que lhe poderiam trazer novos conhecimentos.

Ao completar o curso ginásial e com 15 anos, como 1.º aluno da classe, Rui pediu ao pai que o mandasse para Recife, pois queria estudar Direito. Por não ter idade suficiente para entrar na Faculdade, ficou ele mais um ano em Salvador, dedicando-se aos estudos de línguas e de música.

Rui, seguindo para Recife, conseguiu entrar na Faculdade, porém, aí só ficou até o 2.º ano.

Nessa época perdeu sua mãe, o que muito o entristeceu. A conselho de seu pai vai para a famosa Faculdade de Direito de São Paulo, onde teve por contemporâneos Joaquim Nabuco, o futuro estadista Rodrigues Alves e o poeta Castro Alves.

Em 1868 estréia na imprensa, escrevendo para o "Ipiranga", "Imprensa Acadêmica", e o "Independência".

No ano seguinte junto a Luís Gama funda o Radical Paulistano.

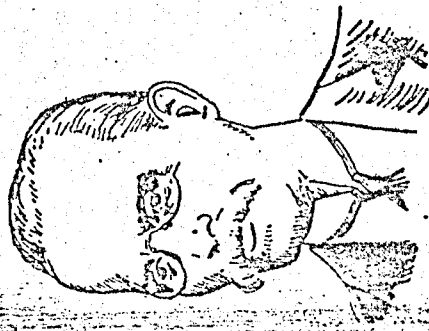
Certa vez chega a S. Paulo José Bonifácio, deputado e professor de Direito. Rui faz o discurso em nome dos estudantes que oferecem um banquete ao mestre. Tinha 18 anos e sua oração foi calorosamente aplaudida.

Em 1870, termina seus estudos e volta a sua cidade; sente-se enfermo, magro e franzino. Foi com grandes sacrificios que ele viu realizado seu sonho, pois seu pai há muito tempo passava por privações financeiras.

Após dois anos de trabalho como advogado voltou ao jornalismo como colaborador do "Diário da Bahia", lutando pela abolição dos escravos, campanha a que daria prosseguimento mais tarde no Rio de Janeiro, no "Jornal do Comércio" e como redator-chefe de "O País".

Porém na Bahia, ao lado do pai, Rui definhava; percorreu os consultórios médicos em vão, até que aceitou o oferecimento de amigos de seu pai que o levaram à Europa para tratar da saúde.

Rui Barbosa
(1849-1923)



Nasceu na cidade de Salvador em 5-11-1849 e morreu em Petrópolis, em 1-3-1923.

Foram seus pais, o médico Dr. João José Barbosa de Oliveira e dona Maria Adília Barbosa.

Aos 5 anos começou Rui os seus estudos com o professor Ibirapitanga, asombrou a todos a inteligência prodigiosa daquele menino.

Com 10 anos conhecia já os clássicos, principalmente Camões, Vieira e Castilho; sua dedicação aos livros era impressionante.

Mais tarde Rui entra para o Ginásio Baiano dirigido por Abílio Cesar Lange, barão de Macaúbas, homem enérgico e grave. O jovem estudante passa a viver no colégio, conservando seu amor tão profundo aos livros que,

(Extraído das páginas 185 a 187 do livro "Biografias de Personalidades Célebres" de autoria da Profa. Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, editado por Livros Irradian-
tes S/A., 14a. edição, 1978, S. Paulo)

CAROLINA RENNÓ RIBEIRO DE OLIVEIRA

teve que se exilar. Foi para Buenos Aires, depois Lisboa e Paris, indo afinal fixar residência em Londres, de onde remetia para jornais brasileiros informações e opiniões sobre as coisas do Velho Mundo. ("Cartas da Inglaterra").

Em 1895 voltou para o Brasil, onde se havia restabelecido a ordem civil e passou ao exercício de senador pela Bahia. Foi vice-presidente do Senado (1906 a 1909). Participou da votação do projeto do Código Civil, redigido por Clóvis Beviláqua, ao qual apresentou numerosas emendas, surgindo daí a famosa polêmica com Carneiro Ribeiro que se incumbira de rever o texto do projeto. Dessa polêmica nasceu a "Réplica".

Em 1907, instalou-se em Haia a 2.ª Conferência da Paz e o Brasil precisava mandar um representante. Rio Branco apontou Rui Barbosa, pois achava que ele seria capaz de representar condignamente o nosso país.

Nomeado presidente da 1.ª Comissão, Rui sentiu-se honrado com esse posto; começou a participar ativamente de todas as reuniões; a princípio ninguém lhe dava ouvidos, no entanto, no decorrer dos debates, Rui começou a assombrar os participantes da Conferência pelas suas teses bem estudadas e defendidas com o calor de sua sabedoria.

A voz do Brasil se fez ouvir na palestra vibrante de Rui Barbosa.

Os jornais estrangeiros elogiavam a atuação do brasileiro que tornava seu país conhecido e admirado através de seu verbo inflamado e estilo vigoroso.

Todo o mundo comentava, surpreendido diante daquele homem franzino que dava lições ao Velho Mundo.

Grande repercussão tiveram os feitos de Rui. De volta ao Brasil esperava-o calorosa recepção e uma multidão aplaudiu-o ao pisar em solo brasileiro.

Foi levado por Rio Branco e demais amigos à presença do então presidente da República, Afonso Pena, que admirava profundamente aquele homem, que batalhava pela Justiça e pelo Direito.

BIOGRÁFICAS DE PERSONALIDADES CÉLEBRES

187

Em 1910 disputou com o marechal Hermes da Fonseca a presidência da República, não sendo eleito; em sua luta eleitoral liderou no país o primeiro movimento significativo de opinião pública, com a sua campanha civilista. Em 1912 foi membro brasileiro da Corte de Arbitragem, criada em 1899 pela 1.ª Conferência da Paz. Candidato novamente à presidência da República em 1914, desistiu do pleito, voltando então em 1919 a competir contra Epitácio Pessoa, mas sem sucesso.

Em agosto de 1918 seus amigos, tendo à frente Alberto de Oliveira, apresentaram de comemorar o jubileu literário de Rui, porém ele recusou a homenagem; o povo saudou entusiasticamente o grande homem de letras; ninguém ficou indiferente às solenidades: governo, povo, parlamento e academias.

Além da apoteose nacional que lhe foi tributada juntaram-se os elogios dos letrados estrangeiros.

Finalizando as comemorações, Coe-ly Neto saudou-o, depois da missa cantada no campo de São Cristóvão e seu busto foi erigido em lugar de destaque na Biblioteca Nacional.

Para representar o Brasil novamente na Conferência de Paz foi ele convidado, porém recusou pois se achava doente e cansado.

Em 1920 ainda liderou a reação política de seu estado natal.

Nesse mesmo ano, os bacharéis da Faculdade de Direito de S. Paulo convidando-no para parainfo e como não pôde, por doença, comparecer às solenidades, escreveu a célebre "Oração aos Moços" dedicada aos jovens advogados.

Em 1921, Rui renunciou à sua cadeira no Senado e pouco depois a Bahia renovou-lhe o mandato; no mesmo ano reconciliou-se com seu ferrenho adversário, marechal Hermes da Fonseca.

Em setembro de 1921 foi eleito para a Corte Permanente de Justiça Internacional, em Haia.

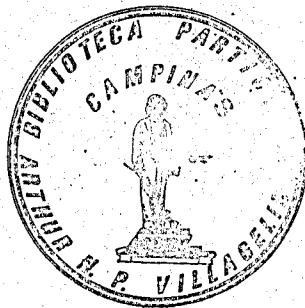
Em 1922 sobre a presidência da República Artur Bernardes que o convidava

para assumir a pasta do Exterior, mas Rui já estava demasiadamente doente; era impossível continuar a luta.

Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, sendo também filiado a grande número de agremiações culturais e científicas internacionais; ainda era professor honorário de universidades em Portugal, Argentina, França e outros países. Sua atuação como advogado, sobretudo ante o Supremo Tribunal Federal, na realização dos primeiros "Habeas corpus" no país, é memorável. Entretanto, não deixou obra jurídica sistemática. Entre as suas obras publicadas destacam-se: "O elogio de Castro Alves"; "José Bonifácio"; "Visita à terra natal"; "Discursos e Conferências"; "Cartas políticas e literárias"; "Queda do Império"; "Oração de após-tolo".

Rui Barbosa, foi a maior inteligência que teve o Brasil. Foi brilhante como cidadão, tomou parte ativa na política, foi um crítico com vasta e grandiosa obra, filósofo, com profundo conhecimento da língua portuguesa e jurista dos mais notáveis.

Em 1.º de março de 1923, Rui cerrava os olhos, deixando vivos os seus exemplos dignificantes, o seu amor à Justiça, à Liberdade e à sua Pátria.



ANU 4269.5

LARGO RUY BARBOSA
(Resolução nº 612 de 21-12-1920)

Nasceu Rui Barbosa, a 5 de novembro de 1849, à rua dos Capitães, que hoje tem o seu nome, na Freguesia da Sé, em Salvador, capital do Estado da Bahia, sendo filho do dr. João Barbosa de Oliveira e de d. Maria Adélia Barbosa de Oliveira. Desde cedo revelou inteligência incomparável, pois em 1854 aprendia a ler e a conjugar verbos em apenas 15 dias. Já na mocidade, freqüenta o «Ginásio Baiano», dirigido pelo Barão de Macaúbas, alcançando sempre a primeira colocação, o que lhe vale obter uma medalha de ouro e ali concluindo os seus estudos de humanidades em 1864. Em 1865, não tendo idade legal para matricular-se na Faculdade de Direito, dedica-se ao estudo de línguas. Um ano após, em 1866, inicia o curso na Faculdade do Recife transferindo-se depois para a Faculdade de Direito de São Paulo, onde conviveu com outros estudantes que se tornariam ilustres no Brasil e que eram Castro Alves, Joaquim Nabuco, Rio Branco, Rodrigues Alves e Afonso Pena. No ano de 1867, perde a mãe e em 1870 recebe grau de bacharel em Direito, regressando para a Bahia. No ano de 1872, entra para a redação do «Diário da Bahia», órgão do Partido Liberal, e em 1873, com a sua saúde precária, embarca com destino à Europa, a fim de tratar-se. Em 1874, vem a falecer o seu pai e em 1876 casa-se Rui Barbosa com d. Maria Augusta Viana Bandeira, indo residir no Rio de Janeiro.

Sua vida pública iniciou-se em 1877, quando, ao regressar à Bahia, foi eleito deputado provincial. Em 1878 é vitorioso no pleito para deputado geral, época em que lhe nasce a sua primogênita, Maria Adelina, e ano em que recebe o título de Conselheiro, concedido por d. Pedro II. Novamente é eleito deputado em 1881, pela Bahia, tendo a 6 de julho, do mesmo ano, pronunciado o «Elogio do Poeta», uma de suas mais notáveis páginas em homenagem ao decênio da morte de Castro Alves. De 1882 a 1888, dedica-se à causa da libertação total e imediata dos escravos, pronunciando brilhantes conferências e discursos. Em 1889, torna-se diretor do «Diário de Notícias» e Ministro de duas Pastas, no governo provisório de Deodoro da Fonseca: a da Fazenda e a da Justiça, sendo esta última, interinamente. Em 1891, deixa o Gabinete e é eleito senador pela Bahia, tendo a oportunidade de redigir o projeto da Constituição Brasileira de 24 de fevereiro. Em 1893, substitui Joaquim Nabuco na direção do «Jornal do Brasil», continuando na sua destemida oposição a Floriano Peixoto. Ameaçado de morte por questões políticas, viaja para Buenos Aires, e, mais tarde, até Londres. Da capital britânica, passou a enviar artigos para o «Jornal do Comércio» sobre o «caso Dreyfus», sendo a primeira pessoa a abordar o assunto, em defesa daquele oficial francês. Esses

artigos foram, em 1894, publicados em um só volume, sob o título de «Cartas do Processo de Alberto Dreyfus». Regressando ao Brasil em 1895, defende com ardor a anistia aos revolucionários de 1893. Em 1902, é Rui Barbosa eleito presidente e relator da Comissão do Código Civil do Senado, envolvendo-se então em uma célebre polémica, da qual saiu a «Réplica», considerada como uma de suas mais célebres obras. Cabe-lhe depois, em 1907, chefiar a Delegação Brasileira à Segunda Conferência da Paz, em Haia, que teve a presença de 48 Nações. Rui Barbosa revela, na Holanda, toda a pujança de sua inteligência privilegiada, o que lhe vale o cognome de «Águia de Haia», colhendo as maiores glórias para o Brasil. De passagem por Paris, foi o grande patriótico homenageado pela colônia e, ao regressar ao Rio, alcança uma triunfante recepção, reassumindo, dias após, a sua cadeira no Senado. Em 1908, é eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, por morte de Machado de Assis. Em 1909, apresenta-se como candidato civilista à Presidência da República, na vaga deixada pelo falecimento de Afonso Pena, e, apesar de seu grande valor, reconhecido por todos os brasileiros, é vencido por Hermes da Fonseca, em 1910. Em 1916, vai a Buenos Aires, como representante do Brasil, no Congresso de Tucumã, onde pronuncia a sua célebre conferência «Dever dos Neutros», em que aborda a guerra mundial de então, frisando que «não há imparcialidade entre o direito e a injustiça». Em 1919, é convidado por Rodrigues Alves, Presidente da República, embora ainda não empossado, para representar o Brasil na Liga das Nações, missão que não pôde aceitar, por ter de seguir para a Bahia, afim de trabalhar em favor da candidatura do juiz Paulo Fontes ao governo do Estado. Foi então escolhido para representar o Brasil, o senador Epitácio Pessoa. Dessa forma, após 10 anos de ausência de sua terra natal, é Rui Barbosa alvo de estrondosa recepção, proferindo nova e brilhante página. Em 1919, é novamente candidato à Presidência da República; em 1920, escolhido para parabenizar os bacharelados da Faculdade de Direito de São Paulo. Mas, estando enfermo em Petrópolis, envia para ser lida a sua formosa «Oração aos Moços». Em 1922, atacado de edema pulmonar, quase vem a falecer. Finalmente, a 1 de março de 1923, o expoente máximo da inteligência brasileira expira em Petrópolis, sendo o seu corpo embalsamado e transportado para a Biblioteca Nacional, de onde foi transferido no dia 4, para o Cemitério de S. João Batista.

Rui Barbosa está intimamente ligado a Campinas, pois várias vezes veio a esta cidade, por ocasião de suas férias parlamentares, hospedando-se na Fazenda Rio das Pedras, de propriedade da Família Barbosa de Oliveira. Em 1914, o grande brasileiro escreveu a sua imortal página «As Andorinhas de Campinas», uma das mais belas jóias da literatura brasileira.

(De uma publicação da Câmara Municipal de Campinas, por ocasião do centenário do nascimento de Ruy em 5 de novembro de 1949).





PRAÇAS DE CAMPINAS

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

XII

Rui Barbosa

(Largo do Teatro)

(Fica entre as ruas Costa Aguiar, 13 de Maio e José Paulino, no Centro da Cidade.)

A denominação foi dada pela Resolução número 612, de 21 de Dezembro de 1920. Chamou-se, antes, Largo e Praça do Teatro.

Dados Biográficos: — Rui Barbosa, político e escritor, nascido em Salvador, na Bahia, aos 5 de Novembro de 1849, faleceu em Petrópolis a 1.º de Março de 1923. Concluído o seu curso jurídico, regressou à sua terra natal, estabelecendo-se, então, com um escritório de advocacia.

Solicitado pela política, alistou-se no Partido Liberal. Em 1878, foi eleito à Assembléia Provincial da Bahia. Eleito Deputado Geral em 1879, permaneceu na Câmara dos Deputados com o mandato sempre renovado, até 1884. Eleito sem prejuízo da sua qualidade de membro do governo, coube-lhe redigir o projeto da Carta Constitucional da República.

Depois de outras diversas atividades políticas, foi candidato à presidência da República, e, em plena guerra,

destempenhou, com raro brilhantismo, uma missão diplomática na Argentina, onde foi recebido com tôdas as deferências de um alto embaixador.

Foi designado para representar o Brasil na segunda conferência de Haia, onde deixou o nome do Brasil na maior relevância. Além de político, Rui Barbosa foi notável homem de letras e um dos maiores tribunos de seu tempo. Igualmente notável foi na obra jornalística. Dentre suas obras mais conhecidas, estão: "Reforma do Ensino Primário", "Cartas de Inglaterra", "Réplica", "Finanças e Política da República", "Queda do Império" e muitas outras.

A 5 de Novembro de 1924, por iniciativa de particulares, Campinas rendeu homenagem a esse filho da Bahia e essa homenagem consta de magnífico busto de brônze, assente em pedestal de granito, colocado na Praça Carlos Gomes. O monumento em apreço que é de autoria do notável escultor Ettore Ximenes, foi montado no local pelo engenheiro civil, dr. Mariano Montessanti.